

Brasil quer manter sistema de metas

Diretor do BC diz que limites trimestrais para inflação devem continuar

Jorge William/15-10-99

• BRASÍLIA. O Brasil poderá descumprir as metas trimestrais para a inflação acertadas com o Fundo Monetário Internacional (FMI), mas mesmo assim, não existe, até agora, disposição de mudar os tetos fixados. Segundo o diretor de Assuntos de Política Econômica do Banco Central, Sérgio Werlang, o sistema trimestral é apropriado e não haverá dificuldades para que os técnicos do FMI entendam um possível descumprimento.

— No segundo e terceiro trimestres, existe uma probabilidade razoável de passarmos da meta central. Se ficarmos dentro da variação de um ponto percentual para cima ou para baixo, teremos uma conversa informal com os técnicos para explicar o que aconteceu. Se passarmos, terá que ser dada uma explicação mais formal ao *board* (diretoria) do Fundo. Não haverá problemas — disse Werlang.

Mudança em juros leva até 9 meses para ter efeito

Apesar dessas perspectivas, o diretor de Política Econômica do BC lembra que as decisões sobre juros levam de seis a nove meses para terem efeitos sobre a economia. Na ata da última reunião do Comitê de Política Monetária (Copom), o BC prevê que, com juros de 19% ao ano, a inflação no fim de 2000 ficaria em 5,8%, muito próxima da meta de 6% fixada no acordo.

Por isso, haveria pouco es-



SÉRGIO WERLANG: se meta for descumprida, Governo terá conversa informal com técnicos do FMI

paço para queda das taxas no curto prazo.

— Se tudo se mantiver como previsto, existe a possibilidade de uma trajetória de juros descendentes a médio ou longo prazo — disse Werlang.

O diretor lembra que, por causa da defasagem que existe entre as decisões de política monetária e seus efeitos sobre a economia, o sistema de metas para a inflação não daria certo se o BC agisse pensando nos trimestres. Além disso, a sensibilidade dos agentes econômicos às decisões é muito grande. Ele observa, por

exemplo, que em outubro, o Copom retirou o viés de baixa dos juros e desde então, não mexeu mais nas taxas. Com isso, os juros na economia real tiveram uma leve alta.

— Houve um aperto na política monetária, que mexeu com a expectativa das pessoas em relação à inflação, e o câmbio foi apreciado — explica Werlang.

Crescimento menor, se juros só baixarem a longo prazo

Com taxas de juros de 19% ao ano, o BC estima crescimento econômico de 3,5% es-

te ano, pouco abaixo dos 4% previstos no acordo com o FMI. Como existe a defasagem entre as decisões do Copom e os efeitos sobre a economia real, é possível que, se os juros só baixarem a longo prazo, o crescimento fique abaixo do que diz o acordo.

Werlang argumenta que as probabilidades de erros nas previsões sobre o Produto Interno Bruto (PIB) são ainda maiores do que as estimativas para a inflação. Por isso, segundo ele, não se trabalha com a expectativa de rever o crescimento deste ano. ■